



MOSAICO HEROICO: a construção da identidade através da literatura

Juliana Barros de Souza¹

1 INTRODUÇÃO

No processo contínuo de construção de identidade, diversas possibilidades conectam-se para edificarem o indivíduo, circunscrito num meio sociocultural. Esse espaço contém regras que modelam as características identitárias que o indivíduo pode assumir. Possuir as diversas facetas presentes nessa identidade multifacetada e múltipla da sociedade pós-moderna é, segundo Hall, conseguida a partir de alicerces.

Até o século XXI e desde os primórdios da vida em sociedade, três pilares norteadores da questão formadora da identidade eram a religião, a família e a cultura (HALL, 2005). Porém, Stuart Hall mostra fragilidade de tais alicerces, afirmando que eles não nos servem mais, após toda sua segurança para manter uma civilização coesa com um sentimento de pertencimento, hoje, nós, contemporâneos, ocidentais com nova definição espaço-intelectual, pertencemos a pós-modernidade. E por este motivo, símbolos e teoremas antes suficientes para preencher o vazio de pertencer dentro de uma sociedade de iguais passam a ser obsoletos e nos deixando a catar quebra-cabeças que nos permitam aceitar a presença do outro novamente.

Pensando a partir desse ponto, levemos em conta a explicação de Genette para palimpsesto: “um texto sempre pode ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos” (2010, p. 1); não é mais puramente a cultura dos antepassados ou da população geograficamente mais próxima de si, mas hoje a busca da identidade passa por uma jornada individual, intimista, com os textos, arte, posições ideológicas mais afins do que a pessoa acredita pertencer.

¹ Bacharelanda em Letras pela UFPE e bolsista PIBIC (julina_de_souza@hotmail.com).

E passa de link em link, usando o termo do francês, para construir assim a pessoa que quer ser. A escolha para o material de análise de um livro de literatura infantil, no qual o personagem principal se identifica com um herói construído por si, como camada superior e sobreposta da sua titubeante e sujeita a falhas como adolescente em desenvolvimento.

João Ubaldo Ribeiro utiliza-se da mente fértil e literária de Geraldo, seu personagem principal, e acompanha seu crescimento de sua transformação para uma pessoa forte, inteligente e sensível, apaixonado e querendo estar em seu melhor estado possível.

Sua base principal para criar a identidade “perfeita” de sua mente infantil não se encontra nos modelos ditos obsoletos por Hall, mas na Literatura, nos modelos de heróis que se espalham nos textos literários mundiais. É juntando as peças de quebra-cabeças, palimpsestuosamente, que Geraldo cria o mosaico de sua identidade.

2 LEITURA E IDENTIDADE

Das múltiplas funções que podemos imprimir à arte literária, a representatividade do mundo, via outro prisma, o autor/leitor pode compreender melhor a si, o outro e o mundo no qual está imerso. É de conhecimento também, além disso, que há um imaginário comum do humano em relação a certos assuntos e técnicas para assegurar seu bem estar.

Com base teórica fundada em Gilbert Durand, o imaginário pode ser dividido em duas partes, um noturno, mais sorumbático e associado a quedas e morte, eventualmente, e um regime diurno, dominado pela luminosidade, símbolos alegres e destinados à transcendência.

Na verdade, nas palavras do próprio estudioso, “o simbolismo simétrico da fuga diante do tempo ou da vitória sobre o destino e a morte” (2001, p. 124), o regime diurno é tipicamente ascendente, forçando o eixo da narrativa a procurar meios

sempre elevados e superiores e não se manter no desespero da derrota e fatalidade próximas.

Geraldo, personagem principal é sempre ascendente em suas ações. Até mesmo quando sofre decepções da garota por quem é apaixonado, o simbolismo permeando seus pensamentos, na narrativa com sua voz indireta, procura transcender o espaço comum:

E então, quase como se aquela sala não fosse aquela sala, quase como se estivesse num foguete de Flash Gordon, quase como se não houvesse mais nada de importante neste mundo, suspirou, encostou-se no respaldar do banco e viu que o mundo todo tinha nova claridade. Estava perdidamente apaixonado. (RIBEIRO, 1983, p. 22).

Interessante notar o estado de espírito da personagem, estando apaixonado, é natural procurar se apresentar da melhor maneira possível e transparecer uma persona agradável. Para isso, é imprescindível uma identidade já vagamente formada, ou não seria possível ter um outro para comunicação efetiva. Grande parte da falta de comunicação com o outro, o desconhecido ou o estranho é o fato de não se reconhecer naquele e não entender como foi sua formação identitária.

Retornando a Hall, vemos que na teia literária do livro infantil *Vida e Paixão de Pandonar, o Cruel* não há menção alguma aos pais do garoto, ou a alguma instituição religiosa, muito menos informações que designariam seu meio cultural – afora um apreço ao futebol, quando Pandonar, seu alter-ego, joga no time do Vasco – não temos como apontar exatamente que a história se passa no Brasil da década de 1980. Não há nada peremptório sobre isso.

O que vemos é que as supostas referências formadoras da identidade do garoto Geraldo são tiradas da escola e da literatura e a escola é mais um espaço estacionário, um ponto de partida para a narrativa desenrolar-se. Os professores são um gatilho para um mundo fantasioso, onde o conhecimento não é distinto dos fatos do mundo real e onde os poderes mágicos dependem da sua quantidade de conhecimento.

É fato que, durante a narrativa, e, provavelmente, durante toda sua fase de desenvolvimento, Geraldo teve sua construção de identidade modelada a partir de heróis e situações fantásticas da literatura. Seja como um dos grandes heróis persas Xerxes e Artaxexes, como das histórias em quadrinhos americanos, Flash Gordon, um Ali Babá árabe ou um galã de cinema. A sua bagagem literária é sua identidade pessoal, única e intransferível.

E essa bagagem, como não poderia deixar de ser, não é mais perfeita e completa, agora é preciso juntar os diversos textos, “ler outros textos” sugestão genettiana para criar sua identidade. E Geraldo o faz bem, recortando as melhores características de seus heróis modelos e transformando-os numa só imagem mosaica em seu alter-ego Pandonar. E é assim que ele quer ser. Assim que o será se lhe for possível ter todas suas características sobre-humanas.

Sobre-humanas, quase divina, transcendental,

A ascensão é, assim, a ‘viagem em si’, a ‘viagem imaginária mais real de todas’ com que sonha a nostalgia inata da verticalidade pura, do desejo de evasão para o lugar hiper ou supraceleste [...] (DURAND, 2001, p. 128).

O apaixonar-se e enveredar nos caminhos da narrativa literária faz com que Geraldo procure esse eixo vertical e, contrapondo ao mesmo, procure sua identidade “melhor”, a que lhe permita a transcendência desejada.

E esse evoluir não é um processo uniforme ou rápido ou até mesmo finito. Como a própria questão da identidade, é um processo que envolve diversos tipos de leitura para viver no pós-modernismo.

A intertextualidade é [...] o mecanismo próprio da leitura literária. De fato, ela produz a significância por si mesma, enquanto que a leitura linear, comum aos textos literários e não literários, só produz sentido (GENETTE, p. 5).

E a intertextualidade é a resposta encontrada por Geraldo para responder à pergunta fundamental do “quem sou eu” na sociedade. Sou um conjunto de livros, heróis e experiências que sempre está no porvir e construir.

3 GERALDO-PANDONAR E O MUNDO

A sociedade contemporânea é acelerada, transições, mudanças de paradigmas e conceitos antes tidos como basilares, agora, são móveis, transitáveis. “Tentar mapear a história da noção de sujeito moderno é um exercício extremamente difícil” (HALL, p. 15. 2005), mas se não um mapa, um conjunto de imagens podem ajudar com a noção de sujeito moderno.

Geraldo não procura a centralidade perdida do homem e nem uma resposta direta a perda de identidade. Ele procura a sua, inebriado de paixão, e a sua técnica mágica de “auto-hipnose” o ajuda a encontrar os defeitos e características melhores para seu crescimento.

A revolução do pensamento no livro infantil parece simples e pouca, mas escolhendo a calma e tranquilidade imaginativa para buscar nova identidade quando não há mais pilares para se espelhar é uma prova de força narrativa, da esperança que a literatura traz para o indivíduo. O desespero significaria queda, abismo e morte, talvez eterna, da identidade humana, cultural, da vida social. O aspecto imaginativo e lúdico de uma criança que nos inventa línguas para se comunicar, é uma réstia de esperança para uma nova forma de comunicar-se consigo e com outros.

Com o regime diurno e com uma espada simbolizando Pandonar (Geraldo), o Príncipe da Sibéria liderando um ataque contra inimigos, a ascendência é a meta, a busca da identidade, o objetivo.

Não precisamos de instituições preocupadas em vigiar e colocar cada pessoa nos conformes “corretos” para a vida eficiente da máquina social; precisamos de espaços dignos de voz própria e com possibilidade de mudanças. Pois agora a identidade não é uma ou fixa, mas baseada em palimpsestos de leituras de cada um.

REFERÊNCIAS

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Edições Viva Voz. 2010, disponível em <http://issuu.com/labeled/docs/palimpsestoslivro-site#download>.

HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu da; Louro, Guacira Lopes. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. 2005

RIBEIRO, João Ubaldo. **Vida e paixão de Pandonar, o cruel..** Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1983

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins. 2001.